

# O POÉTICO E OS LIMITES DA POÉTICA\*

André Lira

Desde que comecei a ter contato com as discussões da Poética, em 2005, um conjunto de ideias recorrentes em algumas falas e obras causa estranheza. Em nome de valorizar as colaborações da Poética, que de fato são inúmeras e valiosas, tendia-se, para isso, a desvalorizar o discurso e o trabalho de outras linhas de pensamento, como a sociologia da literatura, a estética da recepção, os estudos de gênero etc., sob as acusações de serem “metafísicas”, de “não pensarem”. Nessas admoestações, sem se perceber, se reproduziam muitas críticas feitas pelos próprios pesquisadores da área à universidade, exposta como um feudo, um lugar formatador, alheio à colaboração, ao pensamento e à criação artística.

Não por acaso, com algumas exceções, encontra-se em seus eventos e publicações um discurso autorreprodutor, que discute e trabalha os mesmos autores e as mesmas questões – o que não é privilégio da Poética, deve-se frisar, sendo típico do meio acadêmico. Contudo, o *status* marginal já na Faculdade de Letras da UFRJ (e também nos demais centros de que seus integrantes participam) terminou por acentuar, tanto em seus membros quanto em seus detratores, a sensação de fechamento, de gueto, de retroalimentação. Poder-se-ia argumentar que tal sectarização tenha sido uma estratégia para manter segura a proposta da área diante de um forte domínio estruturalista e, posteriormente, culturalista, o que de fato tem fundamento: basta ver as prolíficas dissertações e teses defendidas na área, única no Brasil. Porém, mesmo com alguma popularidade entre os mestrandos e doutorandos (embora esse quadro tenha mudado, já que a área de pesquisa foi fechada na UFRJ há poucos anos), não se pode deixar de perceber o fracasso dessa estratégia, que em última instância pecou por sua falta de diálogo, apesar de tanto defendê-lo.

O principal problema é a Poética, (talvez) sem querer, ter arremedado o privilégio da compreensão do poético – e, portanto, num mar de novos autores e teorias surgindo a todo momento, recusou-o em nome de um *insight* que poucos teóricos teriam. Esse é um ponto com o qual nunca tive problemas: era clara e chocante a apetite de muitos professores pelas teorias da moda (possivelmente embalados pelo

\* Este texto estabelece um contraponto crítico com um artigo nosso, chamado “Por que gosto da Poética” (*Revista Garrafa*, 24, mai.-ago. 2011), em que são apresentadas as contribuições e vantagens do pensamento poético no meio da reflexão teórica sobre a literatura.

discurso da interdisciplinaridade), sem dar a conhecer ou discutir com paciência concepções e conceitos anteriores. Contudo, tal percepção levou a Poética a tomar o caminho oposto, a cristalizar seu discurso e suas referências, não dialogar com as teorias na praça. A insistente fala em liberdade, em escuta e em caminhos, de repente, presa em condicionantes bibliográficos ou teóricos.

O ponto que quero expor aqui é o de que uma grande oportunidade é perdida no trabalho da Poética: a de mostrar a poeticidade vigente em diversas obras e autores e como tal empenho pode manter o princípio não só de um pensamento da arte, mas também das demais disciplinas, ao sublinhar a regência delas ao mistério do ser. Quem a conhece e defende ardorosamente poder-se-ia perguntar: “Mas ela já não faz isso?” e dessa pessoa discordaria, pois falar das outras disciplinas e modos de abordar o real não significa conhecê-las, tampouco dialogar com elas.

A obra de Martin Heidegger, fundamental para a filosofia e, em muitos aspectos, incompreendida e recusada em sua própria área, é uma das que mais são requisitadas em produções da Poética (inclusive nas minhas, vale dizer). Suas proposições provocam todas as áreas do saber e as possibilidades de articulá-la a demais obras de filosofia, de literatura e tantas outras são abundantes. Entretanto, a proximidade da Poética com seus questionamentos colaborou para certo sentimento de culto: só vale o trabalho de quem discute pormenorizadamente e adota as ideias de Heidegger (corretamente). E isso não seria um problema de *per se*, desde que se colocasse tal suposição como um princípio da área e não fosse mistificado, dissimulado. Como falarei mais adiante, tal aspecto vincula-se com a recusa da própria Poética em se reconhecer como uma teoria determinada.

Para estudiosos de diferentes linhas e discursos, há um “forte teor heideggeriano” nas obras da Poética, e há quem tenha dito mesmo um “esoterismo”. Ora, fosse a Poética tão dialogante como defende ser, colocaria em questão mesmo seu influxo das obras de Heidegger. O dito “esoterismo” é descabido, soa uma crítica genérica de cunho objetivista, mas a suspeita que levanta é consistente, penso. Em meu trajeto como estudante de Poética, observo muitos comentários de seus pesquisadores que, apesar de tudo, terminam por ressaltar tal interpretação “esotérica”, por errônea que seja. Dizem que é preciso “viver no espírito da Poética”; “se abrir para a diferença [da Poética]”; que a Poética compreende o pensamento alheio, mas o inverso não; que não basta conhecer (o que é atribuído às teorias), mas ser o que conhece (privilégio da Poética); em outras palavras, não só se declarava uma sectarização, mas, no fundo, um moralismo pseudocristão, em que o mundo é belo, os seres humanos devem se amar e a arte irá salvá-los (desde que guiados pela Poética).

Vale a ressalva de que não conheço todo o trabalho da Poética e minhas provocações dizem mais de um caráter geral do que totalizador. Dentre o que conheço, como disse antes, há ótimas e várias exceções. Não se pode duvidar da pertinência de seus trabalhos que, pela proposta e rigor da própria área, discutem com propriedade

uma grande gama de autores e questões, coisa rara no hábito de Letras. Entretanto, por vezes, a discussão se situa mais no terreno da revisão bibliográfica do que num confronto criativo de pensamentos. Quando autores de outras áreas e linhas surgem, aparecem apenas para serem rapidamente descartados e reafirmarem a proposta da Poética.

Há, penso, uma confusão primordial (intencional?) entre a Poética, enquanto área acadêmica e proposta, e o poético, o dar-se do real, que cria, mantém e destrói tudo que existe e nunca se dá a conhecer integralmente. A única interpretação possível do poético, para a Poética, é a dela, de acordo com a terminologia e as questões desenvolvidas por Heidegger e seus autores escolhidos. Ora, sendo a Poética também uma forma finita e histórica de compreender o real, me parece o mais sensato, de acordo com sua própria proposta, observar livremente as obras e manifestações de culturas, tempos e lugares distintos, não necessariamente as ocidentais pós ou pré-platônicas, e atentar para o poético nelas. Para isso, contudo, haveria de se distinguir Poética de poético, cujas semelhanças lexicais não só atrapalham, mas referendam uma sinonímia entre os dois termos. A Poética, infelizmente, olha para as obras de outros tempos, lugares e culturas apenas para reforçar sua posição. Talvez seja algo característico de todo intento acadêmico (e mesmo de todo intento interpretativo), mas pelo teor reflexivo e instigante da Poética, gostaria de acreditar que não.

Uma das consequências dessa igualdade entre Poética e poético é o não-reconhecimento dos pensamentos da área como uma teoria. Um dos motivos para essa recusa é alinhar-se contra advogar nenhuma doutrina, nenhum paradigma, não seguir nenhum caminho claro e definido para “construir conhecimento”, não tomar as obras literárias e filosóficas como objetos (que instalam um sujeito), que são características atribuídas às teorias e ao próprio percurso da metafísica. A crítica da Poética às teorias busca denunciar não só o “modismo teórico” acadêmico, mas também os limites conceituais e metódicos que aquelas se impõem desde o início, sem conseguir questionar totalmente seus fundamentos nem enxergar algo exterior a elas. Curiosamente, penso que tal descrição cabe também à Poética. Mesmo que não trabalhe com fundamentos (ao menos não no plano discursivo, em que poderia lançar mão da diferença entre fundar e fundamentar (CASTRO, 2010), a Poética, entretanto, não deixa de interpretar o real a partir de um conjunto de reflexões, ideias e termos particulares. Embora relute em se admitir como uma teoria do real (não separando os dois termos), ela não pode abarcar o real, nem a compreensão do real, por completo. É necessariamente limitada, portanto; e se não faz teoria no sentido tradicional, acompanhada ou oposta à prática, qualquer pesquisador se defronta com ela como mais um conjunto de ideias, publicações, eventos e suas devidas articulações e argumentações. Afastá-la dessa noção tende a pintá-la como religião (“esoterismo”), cujas teses devem ser “aceitas”. Nesse sentido, o salto (*Sprung*) em Heidegger, por exemplo, vem a ser mal interpretado: aceitar a Poética como não-teoria seria também dar um “salto”.

Muito do que vem de “fora” da Poética, como obras ou mesmo colegas, é deixado de lado. É verdade que, na época em que vivemos, não se consegue mais nem mesmo acompanhar as mutações e metamorfoses de sua própria área, muito menos só de outras. Porém, a Poética também fala muito em interdisciplinaridade. Tanto nela quanto em outras áreas, a interdisciplinaridade é extremamente controversa (embora isso quase nunca venha à tona), visto que a pressão da especialização e o cotidiano acadêmico raramente nutra e estimule as possibilidades para um desdobramento concreto de um pensador em uma ou várias áreas. Nesse ponto, a Poética, historicamente, possui muito mais a saudar do que as demais áreas, pela acolhida de pesquisadores de Música, Filosofia, Dança, Artes Plásticas... Como isso foi possível, então? Pela natureza da área que se diz não ser “mais uma” teoria, cremos que a interdisciplinaridade se deu na maior parte dos casos numa só via: como a Poética poderia oferecer os subsídios para criticar os fundamentos de determinada área (e não, também, o inverso). E, mesmo assim, corria o risco de ser uma interdisciplinaridade temática: como discutir pela Poética um tema da Música, da Filosofia ou da Dança.

Voltando ao nosso ponto principal, pensamos que o poético está em toda e qualquer modalidade de presença. Retirá-lo dessa totalidade seria moralizá-lo ou mesmo restringi-lo à atividade linguística e subjetiva de um autor ou receptor. Quando a Poética discute o poético pelos seus poucos autores escolhidos, percebemos uma preocupação em empenhar uma reflexão livre, sem muitos compromissos “científicos” ou metodológicos. Contudo, fazê-lo com competência é uma tarefa por demais árdua, e mesmo assim deixa à margem uma infinidade de obras e projetos com quem poderia dialogar consistentemente, não apenas retoricamente. Parte dessa infinidade é o trabalho de Ricardo Kubrusly, matemático e professor do HCTE/UFRJ, que há anos discute o poético na matemática, particularmente na questão do infinito. Tal trabalho, a princípio, nem teria na relevância na Poética, por se tratar de matemática; porém, ele se dirige à “condição humana, há muito perdida dentro da matemática, que por se pensar divina, fabricou o sonho ingênuo de ser completa, consistente e capaz de desvendar o infinito” (KUBRUSLY, s. d.). Quando dirige suas críticas à ciência, a Poética tem em mente um tipo determinado de ciência (o positivista) – e há inúmeros. Mais afinado à Poética, talvez, o “anarquismo epistemológico” de Feyerabend:

Será que o relativismo equivale agora ao reconhecimento de que não há uma natureza estável, porém uma realidade indeterminada, não cognoscível em princípio [...] Penso que sim. Existem culturas diversas, e nem todas se compõem de lunáticos ou funcionam em virtude de uma versão extrema do princípio de Protágoras, mas antes existem porque o Ser permite diversas abordagens e, entre certos limites, encoraja um relativismo prático: o homem, ou qualquer aspecto temporariamente estável das várias culturas, é medida das coisas, *tanto quanto o Ser lhe permite ser medida* [grifo do autor] (FEYERABEND: 2001, 61).

As observações de Feyerabend apontam para o mesmo poético que a Poética julgava, exclusivamente, conhecer. Ora, poder-se-ia argumentar que não há como escapar a algumas generalizações (como as que temos feito sobre a Poética – que a rigor não existe, apenas os pesquisadores e as obras que deixam), já que não podemos conhecer tudo e há de se lidar com o que não conhecemos de algum modo. Ainda assim, pensamos que um diálogo frutífero poderia surgir desde que a Poética se empenhasse em conhecer as colaborações tanto da *hard* quanto da *soft science*, e não apenas para referendar suas próprias interpretações pela concordância ou discordância. Ainda no terreno da ciência, o campo dos estudos CTS (Ciência, Tecnologia e Sociedade) faz muitas críticas compartilháveis com a Poética, como a dissolução da separação entre sujeito e objeto, natureza e cultura e do fundamento metafísico.

Mesmo com os terrenos mais próximos, a Teoria da Literatura, a Literatura Brasileira e a Filosofia, há pouca generosidade da Poética. Enxergamos uma vasta gama de autores discutindo questões transversais à Poética que poderiam colaborar para o seu próprio amadurecimento.

Esse é outro ponto que gostaria de frisar: por não se conceber como ciência, tampouco como teoria ou conhecimento, a Poética incorre numa a-historicidade, pois seus autores e obras não são revistos ou reinterpretados com a passagem do tempo. Os mesmos pontos são defendidos do mesmo modo por meses, anos e décadas. E embora concorde que “poeta e pensador sempre dizem o mesmo, só que diferente!” (PINHO, 2007), aquela postura tende mais a mortificar e esganar o pensamento do que o inverso, já que opera numa expectativa bastante definida sobre o que faz pensar e o que não faz, quais autores e discussões são válidas e quais não são. Seu *Dicionário de Poética e Pensamento*<sup>1</sup> é um dos mais vistosos exemplos.

Apenas para citar alguns daqueles autores que poderiam colaborar, em diferentes graus e questões, filósofos como Wittgenstein, Gadamer, Merleau-Ponty, Nietzsche, Deleuze, Foucault, mitólogos como Eliade, Walter Otto e Kerényi, ou teóricos da literatura como Benedito Nunes, Paz, Blanchot e Bataille. Tal curto rol aleatório se pode estender facilmente (com autores mesmo dentro de Letras/UFRJ); a questão permanece se o interesse da Poética estará em saltar sobre as produções e provocações dos autores “não escolhidos”, ignorando-as, ou, curiosa, em buscar insumos em outras searas. Vale dizer que o objetivo final não me parece ser a erudição ou acúmulo de citações, mas atingir efetivamente um ponto de encontro, um pensamento próprio – o que não se realiza do dia para a noite, nem no conforto casuloso do que já se sabe. Nesse conforto, apenas se produzem epígonos e reprodutores.

A Poética exige se permitir estar errada – não apenas retoricamente, para fazer pose, mas como condição de se manter viva e aerada, como um pensamento discreto, limitado e finito, por mais aberta e múltipla que diga ser. Não que defenda verdades que possam estar certas ou erradas, mas como requisição do poético mesmo,

---

<sup>1</sup> Disponível em <http://www.dicpoetica.lettras.ufrj.br/>.

da emergência da pluralidade do real, um conjunto de pensamentos e referências não pode valer para tudo, mesmo se subsume esse tudo. Ela precisa ser vulnerável como condição de sua existência, ou corre o risco de adoecer e morrer por dentro. É isso, a Poética exige estar na roda da morte tanto quanto tudo! Se não for mortal, ela estaria se confundindo com o poético do real, o qual interpreta com perspicácia, mas não totalmente.

Não será seu esforço de delimitar e criticar todas as teorias um indício de ser outra teoria, como as correntes críticas e os estilos de época na literatura? Aqui ressoam as palavras de Tolstói, já no início do século XX:

Criticism, in which the lovers of art used to find support for their opinions, has latterly become so self-contradictory, that, if we exclude from the domain of art all that to which the critics of various schools themselves deny the title, there is scarcely any art left.

The artists of various sects, like the theologians of the various sects, mutually exclude and destroy themselves. Listen to the artists of the schools of our times, and you will find, in all branches, each set of artists disowning others (TOLSTÓI, s. d.).<sup>2</sup>

Autorretirada do reino da crítica, da teoria e do juízo, a Poética, contudo, critica, teoriza e julga sem se permitir ser realmente criticada, teorizada e julgada. Vem-me à mente o excelente documentário “Being in the World” (2010), dirigido por Tao Ruspoli. A premissa do filme é simples: há dois grupos, os filósofos e os mestres – uma banda de jazz, uma malabarista, uma cozinheira, um artesão, um violeiro flamenco e uma equipe de corredores na água. Os mestres mostram e comentam a experiência deles em seu ofício, que aparece aos espectadores muito além de uma profissão, mas o sentido de sua vida, alimentada e sustentada, em beleza, pela entrega e pelo encontro no que fazem. Os filósofos não exatamente comentam os mestres, seus comentários são independentes, mas suas observações são intercaladas com trechos dos mestres, de forma que o espectador enxergue o fazer dos mestres pela explicação dos filósofos. Ora, em realidade, o documentário poderia muito bem se sustentar só com os mestres. O poético que atua e os movimenta é a grande estrela do documentário; os filósofos, por pertinentes que sejam suas observações, apenas dão uma arrumação conceitual àquilo que já fica patente.

A Poética, pois, não pode cair na arrogância dos filósofos, de que o poético precisa de seu discurso para ser compreendido. Ou correrá o risco das teorias literárias

---

2 “A crítica, na qual os amantes da arte costumavam encontrar fundamento para suas opiniões, tem se tornado ultimamente tão contraditória que, se excluirmos do domínio da arte tudo que os críticos que diversas escolas negarem como tal, sobrarão muito pouco.

Os artistas de diversas seitas, como os teólogos de diversas seitas, mutuamente se excluem e destroem. Ouça os artistas de diferentes escolas dos nossos tempos e você encontrará, em todas as suas divisões, um conjunto de artistas deslegitimando outros” [tradução do autor].

que tanto critica, ao reduzir as obras de arte e de pensamento ao seu paradigma, descartando-as pelo caminho após suas ideias iniciais forem confirmadas e embasadas. Repetindo-me, talvez tal procedimento seja imanente ao trabalho acadêmico; mas talvez não seja. Entretanto, Poética e os Estudos Culturais, em tese tão apartados, possuem este ponto em comum: a recusa a se comprometer com um paradigma.

Uma das muitas colaborações da Poética é sua abertura, por paradoxal que possa parecer, e isso só é possível por entender que um paradigma constantemente autolimita a si mesmo. Mas não será o limite algo necessário para o pensamento – e de bom tom e honestidade intelectual o admitir genuinamente? Ora, ao não se encerrar num paradigma, a Poética acaba invertendo a situação: como um paradigma não serve, então nenhum, jamais. Seus membros e pesquisadores, entretanto, *possuem* uma formação, a que não podem escapar, por mais dedicados e empenhados que sejam. E não há por que escapar. Não se pode, portanto, negar que a formação de cada um culmina na formulação de uma posição. Um horizonte determinado aparece. Um mestre em Poética que passou sua formação inteira estudando Grécia e Heidegger não simplesmente discute o impacto social do Museu da Maré, os pormenores da filosofia moral espinozista ou as inovações tecnológicas que possibilitaram a extração do petróleo na camada pré-sal. E não é por incapacidade ou preguiça intelectual, muito embora as repetidas indicações de que se deve “ler tudo [todas as bibliografias]” tragam um ônus considerável, mas pelos limites colocados em nossa formação.

Como disse, o limite não é prejudicial; é o que possibilita nosso crescimento e aprendizagem. Não percebê-lo, porém, não apenas é ingênuo, mas atravanca o desenvolvimento da Poética e das pontes que pode fazer – e deixa de fazer, por pensar que já estão feitas, em possibilidade. O que fazer? Aprofundar nossa formação, claro, questionando seus limites: não para demoli-los, mas para surpreendê-los, de repente, bem mais distantes do que imaginávamos.

## Referências

- CASTRO, M. A. de. Fundar e fundamentar. In: SANTORO, F. et alii (org.). *Pensamento no Brasil. v. I. Emmanuel Carneiro Leão*. Rio de Janeiro: Hexis, 2010.
- FEYERABEND, Paul. *Diálogos sobre o conhecimento*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- KUBRUSLY, Ricardo. Uma viagem informal ao teorema de Gödel ou (o preço da matemática é o eterno matemático). Internet. Disponível em: <http://im.ufrj.br/risk/diversos/godel.html>. Acesso em 02 out. 2017.
- PINHO, Kátia Rose. Quem é o Nietzsche do Nietzsche?. *Revista Garrafa*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura, n. 13, v. I, 2007.
- TOLSTÓI, Liev. *O que é a arte*. Internet. Disponível em [http://www.gutenberg.org/files/43409/43409-h/43409-h.htm#Page\\_339](http://www.gutenberg.org/files/43409/43409-h/43409-h.htm#Page_339). Acesso 02 out. 2017.

## André Lira

Doutorando em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE) na UFRJ e Professor EBTT de L. Portuguesa no IFTO. É Mestre (Ciência da Literatura/Poética) e Licenciado em Letras (UFRJ).  
E-mail: [andreobranco@ufrj.br](mailto:andreobranco@ufrj.br).